

## NOTAS SOBRE UMA MONITORIA: O SARAU COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO

MOISÉS JOSÉ DE MELO ALVES<sup>1</sup>; ÉDIO RANIERE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas –moser.018@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O resumo aqui exposto tem como finalidade apresentar ao leitor a experiência em monitoria na disciplina de Psicologia Social do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Esta teve início a partir do edital de Iniciação ao Ensino vinculado à Pró-Reitoria de Graduação (PRG) da UFPel. Dessa maneira, uma vez inscrito, previa-se uma seleção envolvendo a leitura oral de um memorial descritivo a uma banca, submetido a uma avaliação cega, junto à apresentação de um plano de trabalho, de modo que, assim, o trabalho pudesse ser iniciado.

Talvez a melhor definição de psicologia fuja daquela caracterização formal, a ciência do comportamento humano ou a ciência do estudo da alma. A psicologia talvez possa ser classificada como o ramo do conhecimento que se pretende potencializar a capacidade criativa dos sujeitos. Nesse sentido, a Psicologia Social, seria um devir desse rizoma (DELEUZE & GUATTARI, 2011) psi que fugiu para o campo da sociedade a fim de analisar as relações estabelecidas em cada localidade, a partir das condições de possível que tal território propicia à composição desses singulares corpos que atuam no sócio.

Condições de possibilidade, devir, território existencial e desterritorialização são ferramentas conceituais oriundas de um ramo da Psicologia Social Crítica juntamente à Filosofia da Diferença. Assim, pensando uma psicologia social que visa a emancipação dos sujeitos a partir da análise das relações de força, do saber/poder, que a disciplina juntamente à monitoria foi construída.

Alicerçados, assim, por pensadores como DELEUZE & GUATTARI (2010, 2011, 2012), AGAMBEN (2007), NIETZSCHE (2009, 2011), e, principalmente, FOUCAULT (2013a) – Vigiar e Punir foi o livro mais profundamente estudado no semestre – esse resumo busca tentar responder as perguntas: como os sujeitos são o que são hoje? Quais são suas possibilidades de existência? E para tentar criativamente pensar a questão docente/metodológica: como seria possível fazer uma disciplina menos sedimentada (DELEUZE & GUATTARI, 2012), individualizada e tão permeada pelo poder disciplinar?

### 2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir da monitoria da disciplina de Psicologia Social, ofertada ao segundo semestre do Curso de Psicologia. Esta se centrou em dar suporte aos alunos em seus projetos de pesquisa que deveriam ser apresentados com o auxílio da arte em um possível Sarau. Em um primeiro momento, os estudantes foram provocados a pensar em um problema relacionado à psicologia social que gostariam de mergulhar e na organização coletiva de um evento de fechamento da matéria, a fim de apresentar artisticamente o resultado de suas inquietações.

Dessa forma, durante o semestre, como monitor da disciplina, criou-se um espaço de diálogo com os alunos para auxilia-los em seus projetos, além de compor a comissão organizadora do Sarau. Cabe ressaltar que também foi disponibilizado um e-mail e um grupo de discussão nas redes sociais, onde cada aluno colocou o seu argumento - projeto de pesquisa. O evento, assim como toda a matéria, se pretendeu coletivo e horizontal, de modo que a turma receberia uma avaliação comum por seus resultados. Nesse sentido é que os mesmos se organizaram a partir de uma comissão para a promoção do espaço. Dessa maneira, em parceria com Museu do Doce da UFPel que cedeu suas instalações, a comissão recebeu as inscrições dos trabalhos, criou um cronograma e prestou auxílio aos apresentadores no dia do evento.

Durante o semestre, a intersecção arte/psicologia foi utilizada no sentido de compor outras linguagens que não a dureza do papel ou de uma prova. A dureza no sentido de aprisionamento tanto do poder criativo, como no corpo adestrado pelas forças de disciplinação que imperaram nas instituições modernas. Segundo FOUCAULT (2013a) a invenção da nova sociedade que visou superar o poder da Soberania necessitou e se utilizou de diversas novas técnicas que atuam sobre o corpo singular de cada indivíduo, a fim de assegurar a mão de obra ao novo regime socioeconômico nascente das revoluções do fim do século XVIII na Europa Ocidental.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na esteira dos questionamentos supracitados, as atividades da monitoria e os movimentos dos alunos durante o curso disciplina giraram em torno das discussões conceituais e da proposta/provocação de se compor um Sarau Artístico como fechamento da mesma. O evento teve por intuito apresentar os dispositivos artísticos utilizados para dar voz às pesquisas finais de cada discente, devendo esta estar a cargo de algum tema relativo à psicologia social. A ideia de fechamento com o evento partiu do professor titular da matéria, com o intuito de introduzir uma nova maneira de avaliação os alunos e de experimentar a potência do encontro entre arte e psicologia. No que concerne à avaliação, foi firmado acordo de que haveria uma nota coletiva para o evento, de modo que seriam analisados em conjunto sobre os sucessos e fracassos da proposição.

Em uma conferência proferida no Rio de Janeiro, em 1973, - posteriormente tornou-se livro – FOUCAULT (2013b), cita como ocorreu essa transição das relações de poder na questão do Direito. Para ele, a queda do Soberano trouxe consigo a necessidade de se instituir formas de regular a nova população das grandes cidades, de modo que os suplícios rapidamente cederam lugar ao cárcere. O paradigma criado foi o da vigilância e punição, a partir das disciplinas, ou seja, observar e adestrar o comportamento dos sujeitos, bem como os tornar individualizados. Com isso, tendo o panoptismo como máxima arquitetônica de organização espaço-temporal, os exercícios das instituições – escolas, conventos, exército, prisão, fábricas – eram demarcados, para que seus movimentos estivessem em perfeita harmonia com o relógio. Toda essa economia constantemente vigiada pelo exame e a sanção normalizadora (FOUCAULT, 2013a).

Assim, os séculos seguintes, continua o autor, fazem emergir as ciências acerca do homem. A partir dessa singular necessidade de controle, psicologia, sociologia, psiquiatria são criadas com o intuito de normalizar o cotidiano, produzir corpos padronizados ao sistema. Além das ciências humanas, NIETZSCHE (2009) cita que a moralidade cristã foi constantemente empregada para legitimar

a sociedade moderna, e culpabilizar cada um dos indivíduos, por suas faltas, ou dizendo de outra forma, seus pecados.

Segundo NIETZSCHE (2009) a moralidade em voga nos dias atuais é a do ressentido, pois se refere à inversão da moral grega à monoteísta cristã, aquela que atua em dialética entre o bom e mau. Com a inversão – antes a moral clássica de bom, fazia distinção entre o bom (nobre, guerreiro) com o ruim (escravo, sujeitado) – a moral judaico-cristã precisa necessariamente que haja um mau, um contra Deus, para que o conceito de bom apareça. Assim, a moral do ressentido age com o sentimento de vingança contra os que são maus, de modo que as relações de poder da modernidade se fazem impregnadas por tal moralidade. Por isso a constante vigilância, em revanche àqueles que poderão atuar contra as normas instituídas, pois quem o faz está dialeticamente contra Deus, o Estado e/ou a justiça.

Com isso, a arte, em Nietzsche, seria a forma de dar passagem, voz ao devir insurgente. Para RANIERE (2014), o vir a ser é sempre inocente e só assim criativo, dessa forma, permite compor o que AGAMBEN (2007) diz ser o gesto dos autores. Para Agamben, comentando a conferência sobre a função-autor de Foucault, como a vida se faz em constante jogo de forças e a produção de subjetividade ocorre no fora, a autoria nada mais é que um gesto, o conceder voz a algo que há muito já se era dito. Nesse sentido é que um Sarau artístico seria uma tentativa dos alunos colocarem em prática as suas pesquisas do semestre.

AGAMBEN (2007), partindo da prerrogativa de Benjamin que assume o capitalismo como religião, cita que o capital se faz junto a moral ressentida, da qual se extrai toda a valoração e os conceitos de bom e ruim. Nesse sentido, como destravar essa máquina? A máquina de produção de desejos (DELEUZE & GUATTARI, 2010) que produz todas essas injustiças ao social de direitos. Além do que, como se atravessa o paradoxo de como dizer desse contemporâneo, sem falar pelos outros (FOUCAULT, 2014)?

Assim, a arte seria a inocência da criança (NIETZSCHE, 2011), a única figura das três metamorfoses da alma que é capaz de criar, afastando-se das representações da realidade. Tal criação é a de linhas de fuga, rupturas aos instituído e disciplinado, capaz de potencializar a vida. Nesse intuito é que o Sarau se pretendeu com a intenção da arte experimentar a psicologia social, e a disciplina beber da potência do não disciplinado da arte coletiva.

Na noite do dia 01/07, o Museu do Doce da UFPel compôs um belo palco às apresentações. O evento transcorreu com vinte e cinco inscrições, entre trabalhos em grupo e de apenas um autor, além de grande participação do público convidado. A sala de visitas contou com duas instalações de fotos, no cordel de contos havia sete diferentes ensaios, além da “Árvore de Baobá” e da “Máquina do Empoderamento”. A sala de jantar reservou-se as apresentações de vídeo, que variaram de rádio novela, canções até curtas metragens. O último espaço utilizado foi o auditório que deu passagem a quatro apresentações teatrais, e finalizou o Sarau com “Amores e Obsessões”, um espetáculo de dança contemporânea.

#### 4. CONCLUSÕES

Partindo da composição do contemporâneo no pensamento de Michel Foucault, e das contribuições dos demais autores, a monitoria, até então, foi um espaço de grande aprendizado. Sob as considerações do poder disciplinar, e da biopolítica (FOUCAULT, 2013a, 2015) pode ser pensado o caráter burocrático e

sedimentado (DELEUZE & GUATTARI, 2012) da organização da vida a partir das instituições.

Nesse sentido que a metodologia de ensino durante a matéria e o seu fechamento com o Sarau tentou iniciar uma busca por novas relações. A proposta do evento no início do semestre causou certo estranhamento, mas os alunos aceitaram. Ela previa que o evento deveria ser organizado coletivamente, visando por fim a apresentação de dispositivos artísticos dos projetos de cada um. Após um período inicial de teoria, duas aulas seriam disponibilizadas para que os alunos apresentassem suas ideias de pesquisa, para apreciação do coletivo de sala de aula, bem como suas sugestões. Assim, no final esses projetos poderiam ou não ser apresentados no Sarau.

A monitoria centrou-se em estar à disposição para o auxílio aos projetos dos alunos, bem como em ajudar na organização do Sarau. Como durante o semestre foi problematizado em aula a questão do esquadrinhamento de lugares e desejos pela assunção do capitalismo e da consequente disciplinação, a potência do evento fica a cargo da tentativa de resposta ao como criar novos lugares dentro do enrijecido da academia. Nesse sentido, buscou-se inventar, ao mesmo tempo, uma psicologia social e uma formação acadêmica como um todo, implicadas com seu dever ético-político de produzir, como cita DELEUZE (2014), novas direções advindas dos jogos de força, “É o que Nietzsche descobria como a operação artista da vontade de potência, a invenção de ‘novas possibilidades de vida’.” (DELEUZE, 2014, p. 127).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o que arquivo e a testemunha.** Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DELEUZE, G. **A vida como obra de arte** In: **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 3<sup>a</sup> ed., 2014.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 2, vol 1.** Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2<sup>a</sup> ed., 2011.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 2, vol 3.** Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2<sup>a</sup> ed., 2012.
- FOUCAULT, M. **A Verdade e as formas Jurídicas.** Trad. Eduardo Jardim e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013a.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 41 ed., 2013b.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 28 ed., 2014.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: A vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2<sup>a</sup> Ed., 2015.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RANIERE, É. **A invenção das Medidas Socioeducativas.** Porto Alegre: Tese de Doutorado, PPG em Psicologia Social e Institucional, UFRGS, 2014.